

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

**A FUNDAÇÃO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE GOIÂNIA E DO
CURSO DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO**

COSTA, Maximiliano Gonçalves da¹

Resumo:

O presente artigo refletirá sobre a atuação da Igreja em Goiás na implantação do primeiro curso superior católico. A gênese da educação superior católica está vinculada à Santa Casa de Misericórdia de Goiânia (SCMG), que abrigou os primeiros cursos criados, todos eles na área da saúde: Enfermagem, Farmácia e Odontologia. Desta forma, faremos um resgate histórico de como se deu a criação do referido hospital e, conseqüentemente, da atuação de Dom Emanuel Gomes de Oliveira para a criação do primeiro deles. Utilizaremos como base bibliográfica as obras de Bourdieu (1998), Quadros (2009) e Vaz (1997) e as fontes primárias, como cartas e matérias de jornais, que nos possibilitaram refletir sobre o tema em questão.

Palavras-chave: Santa Casa de Misericórdia, Enfermagem, Dom Emanuel

1. Relação entre Igreja e Estado em Goiás

A década de 1930 em Goiás foi marcada por um marco desenvolvimentista, a saber, a criação da nova capital, Goiânia, fomentada por Pedro Ludovico Teixeira. Inicialmente, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, bispo de Goiás, foi convidado para presidir a comissão que deveria escolher o local da nova capital. Essa foi uma estratégia de Pedro Ludovico para minimizar as reações contrárias, conforme alude Vaz (1997, p. 258). O prestígio do bispo seria elemento favorável para a causa que Pedro Ludovico defendia: a mudança da capital. O jornal *Brasil Central* publicou o telegrama de Pedro Ludovico, que convidava Dom Emanuel para compor a comissão:

¹ Doutorando em Educação- Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES. Mestre em História- Universidade Estadual de Goiás. max.historia@gmail.com

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Dom Emanuel Gomes, Bispo Goiaz, Bonfim 16 Dez 1932. Tenho prazer convidar Vossencia para fazer parte da comissão que estudará o local apropriado para construção da nova cidade destinada Capital deste Estado. Certo valioso concurso Vossencia, antecipadamente agradeço. Saudações atenciosas. Ass. Pedro Ludovico, Interventor (BRASIL CENTRAL, 30/12/1932)².

Ao convite feito pelo interventor, Dom Emanuel deu seu parecer positivo, pois a Igreja interessava-se por ocupar esse cargo de tamanha importância, que além de ter um valor político tinha, também, um valor simbólico:

Exmo. Sr. Dr. Pedro Ludovico, Interventor Federal, Goiás. Recebemos honroso convite Vossência, datado 16 corrente para fazer parte da comissão que estudará local apropriado para Capital deste Estado. Aceitamo-lo agradecido para prestar desinteressadamente nosso modesto concurso magno problema muito favorecerá desenvolvimento Estado cooperar nobres propósitos governo Vossência, cercar todas garantias vida cidade Goiás sede permanente nossa querida Diocese primaz Deus guarde Vossência. Atenciosamente. Emanuel, Bispo Goiás (BRASIL CENTRAL, 30/10/1932)³.

Como Dom Emanuel já tinha transferido a sua residência para Bonfim desde 1926 e fazia grandes investimentos na cidade, tendo ele o cargo de chefiar a comissão, quis interferir para que Bonfim fosse o local escolhido para instalação da nova capital. Pedro Ludovico usava o prestígio do bispo para minimizar as reações contrárias, e o bispo usava o cargo que ocupava para tirar proveito, diante das iniciativas que realizava na escolha da cidade. Valemo-nos aqui do conceito *teo-político*, apresentado por Quadros (2009), o qual se refere à interdependência do crer com o poder. Conforme analogia proposta, a Igreja e Estado partilham, por um lado, de um mesmo ideal, mas que, por outro, se distinguem pelos diferentes objetivos. Assim, “o hífen do conceito acentua as não coincidências, a autonomia relativa que renova constantemente as tensões e conflitos entre as duas esferas” (2009, p. 45). Essa conceituação é importante, pois agora veremos os conflitos gerados entre as duas autoridades na escolha do local da nova capital.

² TEXEIRA, Pedro Ludovico. *Telegrama*. Jornal *Brasil Central*, Goiânia, 30 de dezembro 1932. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

³ OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. *Telegrama*. Jornal *Brasil Central*, Goiânia, 30 de dezembro 1932. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

A comissão, chefiada por Dom Emanuel e Colemar Natal e Silva, indicou quatro cidades: Bonfim, Pires do Rio, Ubatã e Campinas. Dom Emanuel posicionou-se para que fosse escolhida Bonfim, mas Pedro Ludovico preferiu Campinas, por ser a região central na parte mais povoada do Estado. Isso gerou um mal-estar entre o bispo e o interventor do Estado. Situação essa evidenciada na ausência do bispo nas duas primeiras missas celebradas em Goiânia, a primeira em 27 de maio de 1933, celebrada pelo padre redentorista de Campinas, pe. Conrado Kolman, e a segunda celebrada por pe. Agostinho Polster, no lançamento da pedra fundamental da nova cidade, em 24 de outubro, desta última, a ausência do bispo foi justificada por estar no Rio de Janeiro. De acordo com Santos (1984), Dom Emanuel só veio celebrar em Goiânia dois anos depois, no lançamento da pedra fundamental da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, em 24 de maio de 1935, pois lá seria a futura catedral da nova cidade. Preocupado com a má impressão que deu a ausência do bispo na missa de 24 de outubro de 1933, pe. Vitor Almeida escreveu a Dom Emanuel, contando o ocorrido para preveni-lo de maiores desgastes:

Tenho hesitado em escrever a V. Excia. por ignorar si demora ou não no Rio. Apesar disto, e na incerteza, escrevo esta porque julgo necessário fazê-lo. Em 24, foi lançada a pedra fundamental da “Nova Capital”, em Campinas. Chegou aqui um telegrama do Interventor para V. Excia. Julgando que conviria uma representação oficiosa da Igreja, entendi-me com os Srs. Pe. Samuel e Muller, e deliberámos, ainda e com sacrifício, ir o Pe. Muller e eu a Campinas. Procurei imediatamente o Interventor, visitando-o disse ter ciência do telegrama, e que V. Excia ainda se achava no Rio, indo porém o Pe. Muller e eu suprir de algum modo a ausência de V. Excia. Referiu-me o Interventor que alguém, que chegara do Rio, lhe afirmara que V. Excia. estaria aí agindo contra ele, Interventor. Retorqui, dizendo que V. Excia é incapaz de tal, porque a sua linha de conduta é sempre muito elevado e nobre, e, ademais, sempre teve grande consideração a Dr. Pedro Ludovico. Deveria haver nisso “qui pro quo” em intriga. O Interventor deu mostrar de ouvir-me com satisfação. Está fora dos meus hábitos ser transmissor dessas intriguinhas, mas, como se trata de um assunto que poderia talvez criar desarmonia entre o governo civil e V. Excia., julguei dever quebrar neste ponto o meu hábito de discricção em assuntos delicados. Tanto mais que me afirmou o Mário que o portador dessa “novidade” foi o irmão do Dr. Velasco, (Bueno Velasco). Ciente disto, V. Excia. saberá desfazer esse aticamento de desconfiança, ou de malevolência (ALMEIDA, 1933)⁴.

⁴ ALMEIDA, Pe. Vitor. *Carta à Dom Emanuel*. Bonfim, 27 outubro 1933. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Pedro Ludovico não queria a nova capital à sombra da Igreja, pois seu desejo era uma política de viés secularizado, que se preocupasse com o desenvolvimento econômico e social e que pudesse ser governada por princípios laicos, advindos da razão e não da religião. Para Santos (1984), esse acontecimento causou um “congelamento” nas relações entre Dom Emanuel e Pedro Ludovico, fazendo com que o bispo se exilasse de Goiânia, ficando em Bonfim. E isso é externalizado na não transferência do bispado para nova capital, pois Dom Emanuel faleceu em 1955, em Bonfim (Silvânia).

A partir de 1935, esse mal-estar passou a ser amenizado, resultando numa discreta reaproximação entre o bispo e o interventor. Pois, a nível nacional, por meio da Constituição de 1934, houve certa aproximação entre Igreja e Estado, período que ficou conhecido como restauração católica. A missa de lançamento da pedra fundamental da nova Catedral Nossa Senhora Auxiliadora de Goiânia demonstrou isso. Durante a missa, Pedro Ludovico esteve ao lado de Dom Emanuel, o que confirmou, de maneira simbólica, a reaproximação para uma colaboração mútua entre os dois poderes. Afinal, um se valia do outro para a conquista de seus interesses. Para esta celebração, o interventor mandou que buscasse Dom Emanuel num carro oficial do Estado e, logo após a missa, ofereceu um almoço no palácio para o bispo e sua comitiva. Cuidado que demonstrou mais uma vez seu apreço e proximidade, com sinais visíveis de um projeto maior de colaboração entre Igreja e Estado. Assim, noticiou o *Correio Oficial*:

A colocação da primeira pedra da futura Matriz da Nova Capital de Goiás, revestiu-se de grande solenidade. Compareceu, pessoalmente, S. Excia o Sr. Governador do Estado, em cuja comitiva tomaram parte o Presidente e o 1º Secretário da Assembléia Constituinte Estadual e o Dr. Secretário Geral do Estado. Às 9 horas do dia 24 do corrente, o Secretário Geral partiu, em automóvel oficial, da Nova Capital em demanda de Campinas onde, no Convento dos Padres Redentoristas, se encontrava hospedado S. Excia Revma. O Sr. Arcebispo de Goiaz, D. Emanuel Gomes de Oliveira, afim de levar o antistite e comitiva. Ai chegados, houve a troca de cumprimentos entre o Dr. Govenador e o Prelado, dando-se, em seguida, inicio a missa campal. Finda a missa dirigiu-se ao altar o Snr. Arcebispo que se paramentou e, tomando o baculo, dirigiu algumas palavras aos presentes, explicando a alta significação da cerimônia e o motivo porque seria N. Senhora Auxiliadora o orago do templo que se ia construir. Terminada a seção, teve lugar um almoço intimo

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

no palacete onde se hospedára o governador, oferecido a S. Excia, o Snr. Arcebispo Diocesano. Vários donativos foram feitos já à futura Igreja. O Snr. Governador, e varias outras pessoas assinaram, ali, vales de muitos milheiros de tijolos para o inicio da construção (CORREIO OFFICIAL, 28/05/1935)⁵.

O rito religioso-sacramental, por parte do bispo, e o diplomático-político, por parte do governador, evidenciaram uma linguagem simbólica de autoafirmação e de poder entre ambos, mas, ao mesmo tempo, de presteza e colaboração que demonstrava reciprocidade dos dois poderes, que se reconciliavam em benefício de seus projetos. Desta forma, esses momentos “entram em ação, com maior vigor, os ditos porta-vozes especializados. Eles se revestem de tais símbolos para confirmar seu poder e o poder da Instituição por eles representada” (PEREIRA, 2008, p. 95).

Outra pessoa que foi de fundamental importância nesse processo de reaproximação entre Estado e Igreja foi a então primeira dama, Dona Gercina Borges, que era muito religiosa e católica – o que foi confirmado, por exemplo, na criação da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia, fruto concreto dessa proximidade e cooperação entre as duas esferas, política e religiosa.

2. A fundação da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia

Na nova capital, Goiânia, era necessário um hospital que pudesse atender às demandas da população. Segundo Vaz (1997), o governo estadual não teria condições de construir e manter um hospital com seus recursos, principalmente devido aos altos custos da construção da nova cidade, bem como pela dificuldade de encontrar pessoas capacitadas para exercer funções técnicas. Em Goiás, havia poucos profissionais qualificados em saúde.

A demanda pela fundação de um hospital em Goiânia veio ao encontro do desejo da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP), uma associação leiga católica que tinha como finalidade a caridade e o conforto espiritual aos doentes e necessitados. A

⁵ Jornal *Correio Oficial*, 28 de maio de 1935. In: MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. Como Nasceu Goiânia. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938. p. 258-260.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

conferência vicentina já existia em Campinas e, com a criação de Goiânia, passou a atuar na nova capital, se reorganizando e, em 1936, passando a ter como presidente Germano Roriz, um influente senhor, e Agnelo Arlinto Fleury Curado, como primeiro secretário. Coube ao cônego Abel Ribeiro, braço direito de Dom Emanuel e primeiro vigário de Goiânia, acompanhar o trabalho dos vicentinos. Além do apoio de dona Gercina Borges, primeira dama do Estado, todos esses se envolveram no projeto da fundação da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia. Sendo assim, essa iniciativa foi encampada pela Igreja, Estado e sociedade civil. Essa aliança se consolidou no nascimento do primeiro hospital da nova capital, que ficou sob a tutela da Igreja Católica.

As Santas Casas fazem parte da história do Brasil desde a sua colonização. Foram inspiradas na Santa Casa de Lisboa, que era considerada modelo e casa-mãe. Elas eram fundadas e organizadas por grupos leigos, denominados de irmandades. A primeira Santa Casa fundada no Brasil foi a de Santos, em 1543, sob iniciativa da Irmandade de Misericórdia. Depois, estas se espalharam por todo o Brasil com sede, por exemplo, em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais. Nos períodos colonial e imperial, as Santas Casas foram a referência para o tratamento de saúde no país, devido a sua organização e eficiência. Essas irmandades leigas que dirigiam as Santas Casas viviam dos donativos sociais que ganhavam e das subvenções que recebiam por parte do Estado. Segundo Russel-Wood (1981) a partir do século XVIII, no caso da Bahia que ele analisa, os parâmetros de poder e status social foram modificando quando a nobreza de sangue foi sendo substituída pela riqueza financeira, de acordo com o autor esse era o princípio de “aburguesamento”. Tendo esse grupo alcançado uma ascensão econômica, agora se fazia necessário uma ascensão social. Por isso, muitos deles se afiliavam à Misericórdia, pois tinham condições financeiras para colaborar nas obras de caridade, e viam nesta afiliação um elemento para a distinção social (RUSSEL-WOOD, 1981, p. 298).

De acordo com Franco (2011, p. 06), “as Misericórdias tinham uma profunda inspiração religiosa, mas em termos efetivos, coube à Igreja, apenas o papel de reafirmar, no plano devocional, a importância da caridade como veículo transformador do destino dos cristãos”. As irmandades da misericórdia que cuidavam das Santas Casas eram

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

associações católicas que possuíam destaques na sociedade onde exerciam suas atividades, seja pela sua condição social ou política-econômica, seja por serem elitistas. Essas irmandades viam nas Santas Casas uma possibilidade de exercerem a caridade, e para alguns, possibilidade de ascensão social como já citamos, por meio de uma obra de misericórdia, pois queriam exteriorizar sua “piedade” em atos públicos de caridade (filantropia social) e serem reconhecidos socialmente (TOMASCHEWSKI, 2007, p. 17).

Em Goiânia, o lançamento da pedra fundamental da Santa Casa de Misericórdia aconteceu em 28 de setembro de 1935. A área cedida pelo Estado ficava entre as ruas 21 e 24 no centro, mas depois, por motivos técnicos, foi mudada para uma área entre as avenidas Tocantins, Paranaíba e rua 4. O projeto da obra era do arquiteto José Amaral Neddermeyer, e sua construção só foi iniciada, de fato, em 1937 (SANTANA, 2003, p. 18). A localização do hospital nos parece estratégica, pois seu terreno ficava na região central, próximo de onde estavam sendo construídos os prédios mais importantes da cidade. Como disse Pierre Bourdieu, “o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce” (BOURDIEU, 1999. p. 163).

Para a realização desse projeto, o Estado entrou com a doação do terreno e de verbas federais para a construção. A Igreja entrou com a administração, por meio da Sociedade de São Vicente de Paulo, e com a manutenção do hospital, através da presença das religiosas. Inicialmente, pelas irmãs Agostinianas e depois com as Filhas da Caridade. O esforço mobilizou, ainda, muitos membros da sociedade civil para as diversas comissões de serviços, bem como para angariar fundos para construção e manutenção da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia.

A atuação de dona Gercina, que ficou conhecida como “mãe dos pobres” e sua proximidade com Dom Emanuel e os vicentinos nessa ação conjunta em prol da Santa Casa, representou a aliança entre Igreja e Estado. Ambos os lados utilizaram da oportunidade para demonstrar sua influência e poder. A primeira dama, como uma mulher religiosa, foi aquela que restabeleceu essa proximidade com a Igreja, possibilitando, assim, o avanço do movimento restaurador em Goiás (VAZ, 1997).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O advento da nova capital – que era visto como sinônimo da modernidade que chegava, principalmente diante da modernização do Estado – seguiu os critérios da racionalidade de seus idealizadores, sob a batuta de Pedro Ludovico Teixeira. A Santa Casa de Misericórdia de Goiânia foi criada neste momento, pois através dela foi possível manter relações de poder e controle das camadas urbanas, sobretudo, as mais pobres, que surgiram como resultado desse processo de desenvolvimento em Goiás. Em Goiânia, no ano de 1935, havia aproximadamente uma população de dois mil habitantes e, em 1937, quando aconteceu de fato a transferência da capital do Estado, em 23 de março, essa população mais que triplicou, chegando a sete mil habitantes (SANTANA, 2003, p. 21). Esse crescimento populacional resultaria, conseqüentemente, num crescimento das classes mais pobres e vulneráveis. Logo, uma obra social da magnitude da Santa Casa de Misericórdia tornava-se, também, uma possibilidade de controle social e de disciplina da vida pública. Afinal, ela foi a principal instituição de assistência em nível local.

Em geral as Santas Casas de Misericórdia foram criadas simultaneamente à fundação de uma cidade ou logo em seguida, isto é explicado pela necessidade de ter uma organização que cuide de doentes e de desamparados que é crescente quando há o desenvolvimento populacional e urbano (SANTOS, 2013, p. 59).

A SCMG só pôde ser construída porque recebeu subvenções do Estado e doações individuais. O grupo leigo que se unia à Sociedade de São Vicente de Paulo, sob o apadrinhamento de Dona Gercina Borges, era composto por homens e mulheres instruídos e de condição social abastada, seja por seu *status* social, ou poder econômico e político. A elite goianiense protagonizou esse processo em prol da edificação da Santa Casa de Misericórdia, seja por mediações políticas para subvenções, seja através de engajamentos sociais, tais como: a realização de jantares, bailes, bingos e festas para arrecadação de fundos em favor da construção. A elite goiana considerava essa causa nobre, por isso houve a adesão de tantos homens e mulheres empenhados nessa obra, conforme noticiado à época (lista acima).

Nesta situação, encontramos várias motivações para a criação e manutenção da Santa Casa de Misericórdia: 1) seria uma via para suprir a ausência do Estado no que diz

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

respeito à saúde; 2) atender à população mais carente, que crescia com o advento da nova capital; 3) abrigaria os primeiros cursos superiores na área da saúde sob a tutela da Igreja Católica; 4) atenderia a sociedade civil, que não mais precisaria buscar fora de Goiás um tratamento de saúde de qualidade.

3. A criação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo

Para cuidar de maneira ordinária do novo hospital, Dom Emanuel recorreu às congregações religiosas, pois já era de seu desejo a fundação do curso de Enfermagem. Ele necessitava de pessoas capacitadas não só para cuidar do hospital, como também para ministrar as aulas. A primeira tentativa se deu com as Irmãs Agostinianas, que já estavam em Goiás cuidando de colégios e que, neste período, tinham aberto mais um em Goiânia, o colégio Santo Agostinho. No primeiro momento, as Irmãs Agostinianas assumiram a direção da Santa Casa de Misericórdia, entre 1937 a 1942. O grupo era, então, composto pelas irmãs Isidora Rodriguez, Maria Valvanera, Maria Angela de Araújo e Esperança Garrido (SANTANA, 2003, p. 21).

Com a saída das Irmãs Agostinianas, Dom Emanuel recorreu às irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (vicentinas), que estavam no Rio de Janeiro e tinham uma Escola de Enfermeiras. Enviou seu pedido à Irmã Marie Antoinette Blanchot, superiora provincial, de quem recebeu o parecer positivo. Em dois de outubro de 1942, chegou a Goiânia um grupo de seis irmãs, sendo elas Lídia de Paiva Luna, Cecília Fernandes, Inês Laje, Jeane Sabóia, Josefa Dias Lima (Ir. Luiza) e Juleita Morgante (Ir. Vicência)⁶. Com a chegada das irmãs, foi consolidada a meta que Dom Emanuel e a conferência dos vicentinos já tinham estabelecido no ano anterior, sendo criada, assim, a Escola de Enfermagem em 10 de outubro de 1942.

O desejo de Dom Emanuel em trazer as Filhas da Caridade para a Santa Casa de Misericórdia, em primeiro lugar, manifestava a presença e a atuação da Igreja de maneira

⁶ Relato de Josefa Dias Lima (Ir. Luiza). *Missão das Filhas da Caridade em Goiás*. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central. p. 6.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

evidente frente à sociedade e ao governo num contexto de laicização, como foi o da criação da nova capital e da mentalidade secularizada de Pedro Ludovico. A Igreja sentiu a necessidade de ocupar lugares importantes na sociedade civil, como, por exemplo, através da administração da Santa Casa, e a presença das irmãs resguardaria isso – até mesmo porque, naquele momento, o Estado não tinha pessoas qualificadas para tal função, cabendo à Igreja responder a essa demanda e garantir o seu espaço.

As Filhas da Caridade já tinham uma forte atuação nesta área, pois estavam à frente da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, no Rio de Janeiro. A congregação religiosa investiu na formação de suas irmãs, principalmente no campo da enfermagem, que as qualificaram para tal função. Isso respondia ao carisma da congregação, que tinha a finalidade de cuidar dos pobres, doentes e desvalidos.

Esse debate sobre a fundação da Santa Casa de Misericórdia se torna necessário em Goiás porque ela acolheu o curso de Enfermagem (1942), sob o desejo de Dom Emanuel e coordenado pelas irmãs Filhas da Caridade. Para a concretização do projeto foi formada uma comissão que encampou a ideia do bispo para que ela se tornasse realidade. São eles: Dr. Eduardo Jacobson, dona Gercina Borges e a Sociedade de São Vicente de Paulo, representada por Sr. Germano Roriz e pelo Provedor José Sêneca.

Além do curso de Enfermagem, a Santa Casa acolheu, posteriormente, os cursos de Farmácia e Odontologia, em 1948. De acordo Silva (2006), D. Emanuel,

Não mede esforços para que surja na capital do Estado uma modelar “Escola de Enfermeiras”, oficializada no molde da Escola modelo “Ana Neri” do Rio de Janeiro. E recentemente o Conselho Nacional de Educação, em uma de suas secessões, opinou pela autorização de funcionamento da Faculdade de Farmácia e Odontologia em Goiânia, requerida pela Conferência de S. Vicente de Paulo de Goiás (SILVA, 2006, p. 455).

Dom Emanuel tinha conhecimento do Decreto n. 20.109/31 do Governo Federal, que previa que as escolas de Enfermagem que fossem criadas após essa lei deveriam seguir o modelo da Escola Anna Nery, tanto na estrutura como na organização, para obterem liberação para funcionarem. Essa escola era o padrão oficial para o ensino da enfermagem no Brasil. Veremos isso a seguir, quando apresentarmos o currículo das

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

disciplinas que compunham o curso de Enfermagem. O decreto resguardava que essas escolas deveriam ser dirigidas por enfermeiras diplomadas. Não havendo, em Goiás, uma equipe qualificada como era exigida, o bispo recorreu às Irmãs da Caridade, que atenderiam a todos esses requisitos.

A partir de outubro de 1942 começou a funcionar a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, nas dependências da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia. Quanto ao tema, Almeida (2010) nos traz vários detalhes sobre a estrutura do hospital onde funcionava a escola:

A Escola de Enfermagem funcionava em um prédio de dois andares, com a porta principal, pela Rua 4 e a porta dos fundos tendo acesso pelo parque arborizado e ajardinado. No primeiro andar (piso) funcionava a Secretaria da Escola, a sala de visita e a de estar, os dormitórios das alunas, banheiros, o refeitório, a cozinha e pequena lavanderia. No segundo andar, ficava a dependência da Comunidade Religiosa, das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo e de os hóspedes, Religiosas de outras comunidades. Após o gramado, um pequeno pátio onde se realizavam as aulas de ginástica. Debaxo das árvores, os bancos de madeira e os espaços para brincadeiras e rodas de bicicletas. O Parque estava todo cercado de arame farpado e, do lado de lá via-se Campo de Aviação, do lado de cá havia um regato. Atravessando-se a pequena ponte de tábua, entrava-se no Parque Hospitalar. Do lado direito na parte mais baixa estavam a lavanderia, rouparia e sala de costura em um só pavilhão; no outro a cozinha da Santa Casa. Na mais alta ficavam os pavilhões do Necrotério, das Doenças Transmissíveis e o Cemitério de Placentas. Na parte central, encontrava-se o corpo hospitalar da Santa Casa, com todas as dependências: Diretoria, Secretaria, Contabilidade, Enfermaria Feminina e Enfermaria Masculina, Centro Cirúrgico, Corredor que dava acesso à Capela Nossa Senhora das Graças; do lado contrário ficava a Pediatria e a Maternidade com Berçário, o ambulatório, a portaria e o hall da Santa Casa. Descendo alguns metros ficava a cozinha do hospital, o pavilhão da lavanderia com a rouparia e sala de costura. Continuando como se fosse para o Campo de Aviação, havia um bonito prédio, no qual funcionava a Escola Superior de Odontologia. Ali existia uma escadaria em que os alunos ficavam sentados conversando. Em frente a este prédio, encontrava-se outro com uma entrada para a Avenida Tocantins e uma interna, para o Parque Hospitalar, onde funcionava a Escola Superior de Farmácia. Neste prédio estavam as salas de aulas teóricas das Escolas, incluindo uma enorme sala de Técnicas de Enfermagem, equipada com bonecos especiais, murais, mapas, camas, macas etc. Saindo pela frente da Escola de Farmácia andando alguns metros, podia-se comunicar com o Centro de Saúde. E, pelo fundo, atravessava-se todo o Parque Hospitalar (piso de chão) entrando no Hall da Santa Casa, comunicava-se com o Centro de Saúde pela porta lateral, ou contornando-o, pela porta da frente (ALMEIDA, 2010, p. 36-37).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Para ingressar na Escola de Enfermagem era necessário fazer um exame de admissão ou habilitação, que era composto por duas partes: entrevista e prova escrita. Só poderia fazer a prova escrita quem era aprovado na entrevista. O processo seletivo acontecia em março e agosto. O curso durava três anos em período integral. Conforme registro do livro ata, o primeiro vestibular aprovou as seguintes alunas: Aparecida Jesuíno de Souza, Itala Signotis, Letícia Canabrava, Maria da Glória Rocha, Maria Aparecida Cruvinel, Maria Gomes Amorim e Violeta Pereira da Costa⁷.

O curso era particular, logo, o acesso se restringia às famílias que possuíam mais condições financeiras. Algumas prefeituras, devido suas necessidades, concediam bolsas para formar suas enfermeiras, que depois pagariam as despesas através do seu trabalho. Em se tratando de um internato, apenas moças eram acolhidas. Além do curso regular superior, a escola oferecia o curso de Auxiliar de Enfermagem que durava seis meses, de Atendente de Enfermagem, três meses, e de Servente Hospitalar, um mês. A Escola de Enfermagem recebeu o reconhecimento oficial por parte do Governo Federal, por meio do Decreto n. 15.495/1944. Apresentamos, abaixo, uma tabela com as disciplinas que compunham a grade do curso superior de Enfermagem.

Tabela 6: Grade Curricular do Curso de Enfermagem.

1º ANO	2º ANO	3º ANO
Drogas e Soluções	Técnicas de Salas Operações	Oftalmologia
Ataduras	Doenças Transmissíveis e Tropicais	Enfermagem em Oftalmologia
Higiene Individual	Enfermagem de Doenças Transmissíveis e Tropicais	Higiene em Saúde Pública
Economia Hospitalar	Enfermagem em Tisiologia	Otorrinolaringologia
Anatomia e Fisiologia	Enfermagem em Doenças Dermatológicas, Sifiligráficas e Venéreas	Enfermagem em Otorrinolaringologia
Química Biológica	Enfermagem em Clínica Ortopédica	Obstetrícia e Puericultura Neonatal

⁷ Livro Ata da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. 10 outubro de 1942. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Microbiologia e Parasitologia	Fisioterapia e Massagem	Enfermagem em Pediatria
Psicologia	Clínica Neurológica e Psiquiátrica	Dietética Infantil
Nutrição e Dietética	Enfermagem em Clínica Neurológica e Psiquiátrica	Enfermagem em Saúde Pública
História da Enfermagem	Enfermagem em Socorros de Urgência	Bio-Estatística
Saneamento	Enfermagem e Clínica Urológica e Ginecológica	Ética
Patologia Geral	Sociologia	
Patologia Médica	Ética	
Patologia Cirúrgica		
Enfermagem de Clínica Médica		
Enfermagem de Clínica Cirúrgica		
Farmacologia e Terapêutica		
Dietoterapia		

Fonte: (ALMEIDA, 2010).

As alunas estudavam e viviam ali, pois o curso era ministrado conforme sistema de internato. As irmãs eram rigorosas nas normativas e atividades que, além dos estudos, contemplavam atividades religiosas e culturais, tais como: a participação na Santa Missa, Adoração ao Santíssimo Sacramento, Orações na capela e, para o entretenimento, aulas de música. As turmas eram subdivididas em grupos de oito moças para os estudos e trabalhos domésticos. As alunas deveriam sempre utilizar o uniforme que era branco, com véu (toca) e braçadeira, peça que continha uma ilustração do símbolo da Enfermagem, além de usarem sapatos fechados, meias compridas, vestido de fustão branco, com bolso na blusa para o lenço individual, e avental com bolso, contendo tesoura anatômica e termômetro clínico para verificar a temperatura (ALMEIDA, 2010, p. 65). Acerca do tema, Bezerra (2002, p. 63) afirma que os modelos femininos desta época, para cuidado dos doentes, eram baseados na religiosidade ou na domesticidade.

As irmãs Filhas da Caridade, que estavam à frente da Escola de Enfermagem, como as irmãs Maria Luiza, Monica, Vicência, Soror Helena, Ana Maria, Josefa, Lucia,

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Catarina e Odila eram mulheres cultas. Algumas delas tiveram a experiência de viver na França, onde estava a casa-mãe de sua congregação e, depois, vieram para Goiás, tornando-se pioneiras no campo da saúde e da educação. Uma característica marcante das irmãs era a obediência às normas eclesiais. Sendo assim, a educação que prestavam estava em plena consonância com o que a Igreja orientava. Em 1945 formou-se a primeira turma, diplomando-se seis enfermeiras: Marianinha Araújo Vale, Violeta Pereira Costa, Aparecida Jesuíno de Souza, Ítala Signati Novaes, Letícia Canabrava e Maria Aparecida Cruvinel (SANTANA, 2003, p. 27) O paraninfo da turma foi Dom Emanuel, o patrono Pedro Ludovico e as homenageadas de honra foram dona Gercina Borges e irmã Antoinette Blanchot (ARAÚJO, 1997, p. 118). O apoio de Dom Emanuel foi tamanho a esse curso que, de acordo com as atas, ele participou de todas as refeições de grau, com exceção da refeição de 1954, devido à debilidade da sua saúde. O curso teve uma boa adesão, uma vez que constatamos que a turma que concluiu em 1950 chegou a formar 44 formandas. O quadro de professores era constituído praticamente por médicos e enfermeiras, entre elas as irmãs Filhas da Caridade.

Tabela 7: Quadro de Professores da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo.

Nome	Função
Eduardo Jacobson	Médico
Aristóteles Teixeira	Médico
Olinto Manso Pereira	Médico
Nicodemos A. Pereira	Médico
Ilídio Antunes Campos	Médico
Clovis Figueiredo	Médico
Francisco Pilomia de Sousa	Médico
Alfredo Pais	Médico
Paulo de M. Bittencourt	Médico
Aldemar A. Câmara	Médico
Orlando Machado	Médico
José Braz Cesarino	Médico
Doriocan Curado	Médico
Joel de Oliveira Lisboa	Farmacêutico
Raimundo dos Santos	Químico
Irmã Lúcia	Farmacêutica

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Padre Cirilo Talapka	Deontólogo
Irmã Maria Luiza Breyer	Enfermeira
Irmã Ana Maria Sarmiento	Enfermeira
Irmã Ignês Lage	Enfermeira
Isabel Cardoso Gomes Pinto	Enfermeira
Lourdes de Oliveira e Silva	Enfermeira
Enisa Ferreira	Enfermeira
Maria Batista	Enfermeira

Fonte: (ALMEIDA, 2010).

No quadro de professores das primeiras turmas, encontramos quatro freiras e um padre. Percebemos que, na grade curricular do curso, não havia qualquer disciplina específica do campo religioso, como, por exemplo, teologia. Mas as irmãs que administravam a escola – algumas delas também professoras, sob a orientação do padre Cirilo – ofertavam uma educação religiosa, que era ministrada paralelamente ao ensino acadêmico. Com os estudos nos moldes de internato, as moças durante os três anos moravam na escola. Logo, todo o ritmo de vida proposto durante esse tempo era orientado por um perfil religioso católico, que inculcava valores nas futuras enfermeiras, gerando, assim, um *modus operandi* essencialmente católico.

No projeto restaurador, liderado por Dom Emanuel, a educação foi vista como uma via eficaz para a transmissão de seus valores. Neste sentido, a atuação das irmãs Filhas da Caridade à frente deste primeiro curso superior católico em Goiás, que se tornou a mola mestra para orientar os demais que viriam posteriormente, disponibilizava uma conduta e orientação que perpetuava valores, perdurando em meio à sociedade goiana e sendo imprescindível à Igreja Católica neste momento da história. Sobre isso, Bourdieu (1998, p. 50) afirma que, “o sistema escolar dispõe da autoridade delegada necessária para exercer universalmente uma ação de inculcação duradoura em matéria de linguagem, tendendo assim a proporcionar a duração e a intensidade desta ação ao capital cultural herdado”.

Consolidar na nova capital uma Escola de Enfermagem, com a finalidade de formar enfermeiras pautadas pela doutrina católica, daria à Igreja, em um futuro próximo, a possibilidade de garantir a manutenção e a ampliação de sua influência, tanto no campo

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

da saúde como da educação em Enfermagem, por meio das enfermeiras formadas pela Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, em Goiânia. A escola tornava-se um lugar de propagação da fé católica entre as jovens estudantes, por mais que a maioria das ex-alunas não fossem ser freiras, a formação que elas recebiam reverberaria de certa forma através de suas condutas e trabalhos, frutificando, assim, o ensinamento que receberam na Escola.

4. Considerações finais

Dom Emanuel Gomes de Oliveira tinha como meta a criação de uma universidade católica em Goiás nesse período da história, com isso, as iniciativas da Igreja Católica que apontamos acima almejavam alcançar esse objetivo. A construção da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia, resultante de uma aliança entre Igreja e Estado, liderada pela Sociedade de São Vicente de Paulo e a então primeira dama do estado, Dona Gercina Borges, permitiu o acolhimento dos três primeiros cursos superiores católicos: Enfermagem, Farmácia e Odontologia, que se concretizaram na década de 1940 e que se dedicavam à formação de novos profissionais na área da saúde. A fundação destes cursos constituía parte do alicerce edificado sob a liderança de Dom Emanuel, para que no futuro nascesse a Universidade Católica de Goiás.

5. Referências

ALMEIDA, Lázara Alves de. **Saga das quatro escolas que ajudaram Goiânia a crescer**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

ARAÚJO, Presciliana C. de; Salum, Marlene Maria de C. História da Escola de Enfermagem. **Estudos**, Goiânia, v. 24, n. ½, jan. jun. 1997. p. 117-124.

BALDINO, José Maria. **Ensino Superior em Goiás em tempos de euforia: Da desordem aparente à expansão ocorrida na década de 80**. 1991. 311 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1991.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

BEZERRA, Maria Regina Marques. **A enfermagem e a aliança da Igreja com o Estado: Escola de Enfermeiras Luiza de Marillac**. 2002. 166 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. 2. ed. São Paulo: USP, 1998.

BRASIL. Decreto nº 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925. Reforma do ensino secundário e superior no Brasil. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 13 jan. 1925.

DIEZ DEL CORRAL, Florentina Santos; SOUZA, Mirabeau Levi Alves; NEGRÃO, Odulia Lebereiro. **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949**. Salvador: EDUFBA, 2009.

FRANCO, Renato. **Pobreza e caridade leiga – as Santas Casas de Misericórdia na América portuguesa**. 2011. 385 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MORAES, Maria Augusta de Sant’Ana. **Dos primeiros tempos da saúde pública em Goiás à Faculdade de Medicina**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.

PEREIRA, José Carlos. Religião e Poder: os símbolos do poder sagrado. **CSONline. Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Ano 2, vol. 3, mai, 2008.

QUADROS. Eduardo Gusmão. O teo-político da dominação colonial. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 15, dez. 2009, p.32-52.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. **Fidalgos e filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550- 1755**. Brasília: UnB, 1981.

SANTANA, Ricardo Gonçalves. **Santa Casa de Misericórdia de Goiânia: uma história de amor no atendimento aos necessitados**. Goiânia: UCG, 2003.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. **Missionário Redentoristas Alemães em Goiás, uma participação no Movimento de Renovação e de Restauração Católicas – 1894 a 1944**. 1984. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

SILVA, José Trindade. **Lugares e pessoas: subsídios eclesiais para a história de Goiás.** Goiânia: UCG, 2006.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. **Caridade e filantropia na distribuição da assistência: A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – RS (1847-1922).** 2007. 257 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

VAZ, Ronaldo Ferreira. **Da separação Igreja-Estado em Goiás à nova cristandade. (1891- 1955).** 1997. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997

Fontes

ALMEIDA, Pe. Vitor. **Carta à Dom Emanuel.** Bonfim, 27 outubro 1933. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

Assinatura ilegível. **Correspondência.** Anápolis. 22 janeiro de 1933. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

Jornal **Correio Oficial**, 28 de maio de 1935. In: MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como Nasceu Goiânia.* São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938. p. 258-260.

Livro Ata da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. 10 outubro de 1942. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. **Telegrama.** Jornal *Brasil Central*, Goiânia, 30 de dezembro 1932. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

Relato de Josefa Dias Lima (Ir. Luiza). **Missão das Filhas da Caridade em Goiás.** Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

TEXEIRA, Pedro Ludovico. **Telegrama.** Jornal *Brasil Central*, Goiânia, 30 de dezembro 1932. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.